



# O ODISSEU

Edição 008  
Dezembro de 2022

## forme o seu quilombo

Ewerton Ulysses Cardoso  
escreve sobre a necessidade de  
formar redes de apoio em  
tempos de bolsonarismo e  
polarização política

## recorre o drão ou recorre o monda

Hyann Pedro  
Rodrigues escreve  
sobre a  
experiência de  
assistir à "Última  
Sessão de Música",  
show de  
despedida de  
Milton  
Nascimento

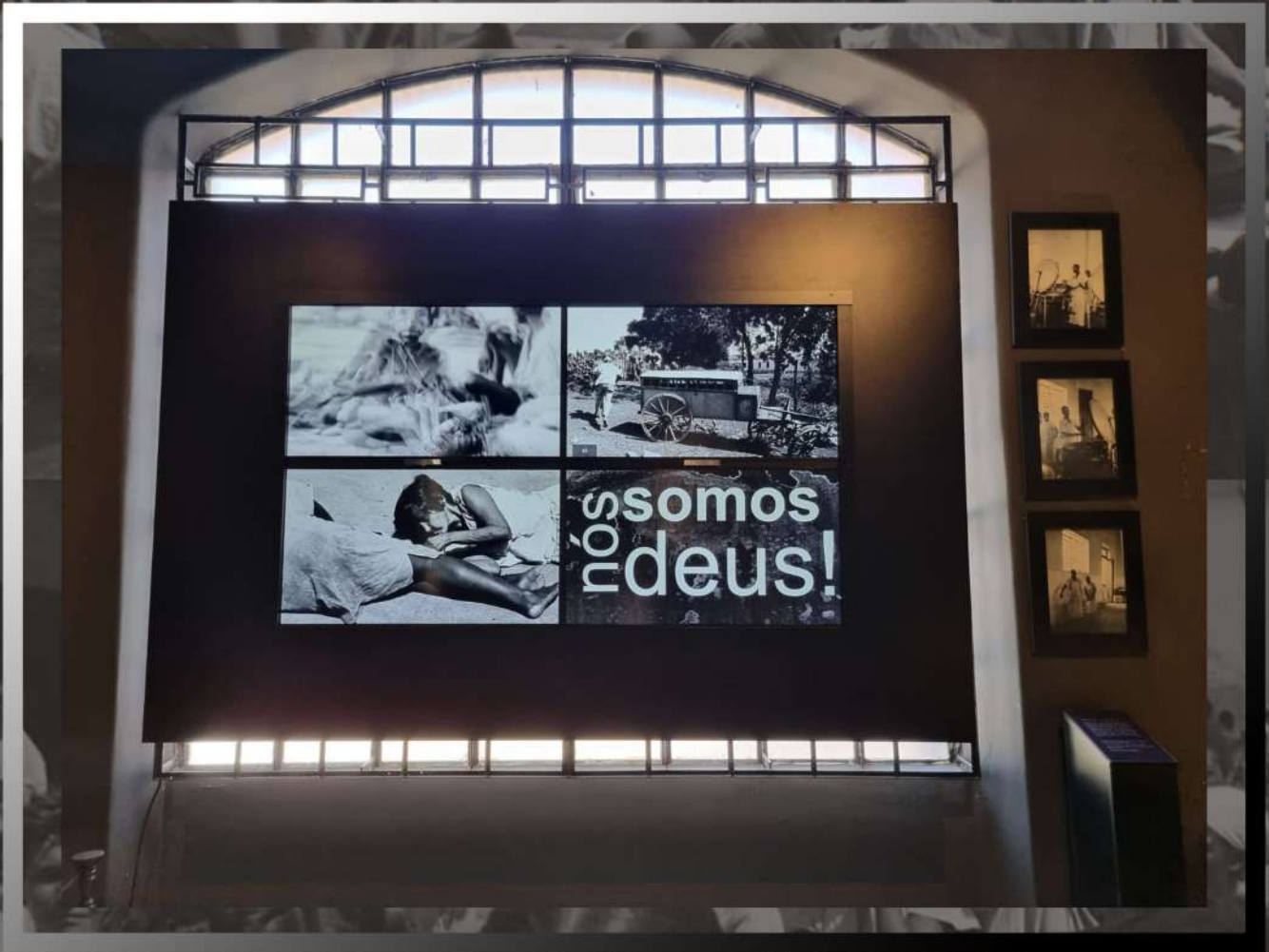
## nós, as loucas

Aline Félix escreve sobre os estigmas  
envolvendo as mulheres e a saúde  
mental






# CONTRACAPA





# Sumário

Convite. Aline Félix .....	2
Bücherverbrennung!. Pedro Henrique Rodrigues .....	3
Forme seu Quilombo. Ewerton Ulysses Cardoso.....	6
Nós, as Loucas. Aline Félix.....	7
Bullying Escolar. Grazielli Fernandes.....	10
Desnecessariamente violento? Lili Baillargé.....	12
Recorre o Drão ou Recorre a Monda. Hyann Pedro Rodrigues.....	14
Ficha.....	15







também que já tinha estado lá antes, durante a leitura de Holocausto Brasileiro, da autora Daniela Arbex.

Os textos que você lerá a seguir não são leves, são reflexões e questionamentos ainda pensando sobre saúde mental, nossa revista falará sobre bullying, sobre os sonhos que temos e o quanto eles nos trazem à realidade, trará uma reflexão sobre a percepção da violência e sobre cortejar o suicídio, assuntos intensos e urgentes assim como a nossa necessidade de criar nossos aquilombamentos. Precisamos nos aquilombar urgentemente para nos proteger da loucura dos sãos.

Precisamos de poesia e de questionamentos, de lirismo e reflexões, música e diálogo.

Te convidamos para fazer parte do nosso quilombo que contém tudo isso, contém a insatisfação com a realidade e a doçura de recordar nossos artistas.

Te convidamos para virar as páginas da O Odisseu.

# Convite

**Aline Félix**

**Colunista da revista O Odisseu e  
administradora do  
fracaodelivro\_por\_alinefelix**



**Q**uero começar te convidando para uma pequena viagem no tempo, convido que voltemos para a década de oitenta e tenhamos a paciência de assistir a um dos programas de grande audiência da época: A Escolinha do Professor Raimundo.

Entre os muitos personagens, sendo grande parte deles criado pelo humorista Chico Anísio, havia um que usava o seguinte jargão "Quando eu era pequenininho lá em Barbacena", o nome dele era Joselito. Esse personagem está vinculado a uma das maiores tragédias já produzidas pelo estado brasileiro, principalmente ao que diz respeito à saúde mental, uma vez que esse personagem faz alusão aos internos do Hospital Colônia, que existiu em Barbacena, no período de 1903 até 1980 e foi responsável pela morte, se não de forma cruel, por puro descaso, de 60.000 pessoas nesse período.

A constatação desse vínculo do humor com a perversidade me deixou estarecida, levei um tempo para crer e a minha revolta se reacende cada vez que me lembro.

O Hospital Colônia é um dos assuntos que trazemos na revista deste mês, no texto Nós, As Loucas, onde escrevo contando minha experiência em Barbacena, Minas Gerais, no Museu da Loucura, e conto



# Bücherverbrennung!

“Onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas”

(Heinrich Heine)

**E**m cenas do documentário *Fascismo Ordinario* (*Obyknovennyy Fashizm*, 1965), de Mikhail Romm, o narrador versa sobre cenas reais filmadas durante o III Reich: “Durante os três dias após a chegada de Hitler ao poder, aconteceram estas “Marchas de Tochas” (*Fackelzug*). Vejo este rio de fogo e penso: Que trazem? Qual o sentido profundo deste espetáculo ígneo? Pois sim: mostram um grande fim, intimidar, exaltar as almas simples, mas o principal dessas *Fackelzug* é que permitiam transformar as pessoas em brutos, em animais. Mas isto deve ser feito cerimoniosamente. Assim, ao tornar-se um bruto, sentir-se-á um pouco herói. E pronto para qualquer tipo de brutalidade, o que era muito útil ao III Reich. Necessários, acima de tudo, para enfrentar tudo o que se opunha o nazismo, tudo o que bloqueasse seu caminho. Primeiro golpeiam os comunistas: campos de concentração, prisões. Depois, seguiram os social-democratas, os líderes sindicais, os ativistas trabalhistas, os que escreviam nos periódicos, jornais, revistas, rádio, e, em geral, todo aquele que pudesse pensar diferentemente de Hitler. Analisando esta suástica de fogo, não posso descartar a ideia de que na Alemanha, país de grande cultura, chegariam ao poder pessoas semi-analfabetas, obtusas e presunçosas, que fariam qualquer coisa para converter o homem num bruto maquiado. Isto é uma queima de livros. Eram queimados em pátios de todas as universidades. Em frente a Universidade de

de Berlim, Goebbels [Joseph Goebbels, político alemão e o Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945, sendo grande apoiador de Adolf Hitler] fala. Faz um discurso muito elevado. Fala do triunfo do espírito alemão, sobre a nova cultura. E, segundo vai falando, os alunos, junto aos assistentes de Goebbels, junto às SS [*Schutzstaffel*. Organização paramilitar ligada ao Partido Nazista e Hitler], vão jogando os livros no fogo. E quais são queimados? Queimam Tolstoi em *Maiakovski*, Voltaire e Anatole France, Romain Rolland e Jack London. E Goebbels fala enquanto [os estudantes e as SS] queimam os melhores escritores alemães. Queima Heine. Queimam Thomas e Heinrich Mann. Queimam Feuchtwangen Arden, Remarque, Bertold Brecht. E, claro, queimam Marx, Engels, Lenin. Queimam as obras dos grandes sábios de “origem-nao-ariana”. O pensamento humano é jogado às chamas.

Em meados de Abril de 2021, a Receita Federal brasileira apresentou um documento sobre Reforma Tributária com “Perguntas e Respostas” acerca do imposto Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) (descrito no Projeto de Lei 3.887/2020), que seria a unificação de três impostos (PIS, Pasep e Cofins) em um imposto único, com uma alíquota de 12%. Caso aprovado, atingiria o mercado editorial em cheio: os livros deixariam de ter isenção fiscal e as editoras pagariam a alíquota de 12% sobre os produtos. O argumento utilizado foi expresso nas seguintes palavras: “De acordo com dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2019 (POF), famílias com renda de até 2 salários mínimos não consomem livros não-didáticos e a maior parte desses livros é consumida pelas famílias com renda superior a 10 salários mínimos. Neste sentido, dada a escassez dos recursos públicos, a tributação dos livros permitirá que o dinheiro arrecadado possa ser objetivo de políticas focalizadas”. **O ministro da economia, Paulo Guedes, defendeu o fim da isenção em audiência no Congresso Nacional: os mais pobres (segundo o ministro), “num primeiro momento, quando fizeram o auxílio emergencial, estavam mais preocupados em sobreviver do que em frequentar as livrarias que nós frequentamos”.**



Cenas do documentário *Fascismo Ordinario* (*Obyknovennyy Fashizm*, 1965), de Mikhail Romm.





Paulo Guedes, ministro da Economia do governo de Jair M. Bolsonaro (2019–2022), em entrevista ao Jornal Nacional, com uma biblioteca vazia ao fundo.  
[http://auditoresfiscais.org.br/curitiba/?area=ver\\_noticia&id=3483](http://auditoresfiscais.org.br/curitiba/?area=ver_noticia&id=3483)

**Ele segue sua argumentação com:** “Então, uma coisa é você focalizar a ajuda. Outra coisa é você, a título de ajudar os mais pobres, na verdade, isentar gente que pode pagar”. **A proposta ainda não foi aprovada até a escrita do presente texto.**

Historicamente, o livro tem sido um produto destinado às elites brasileiras, servindo aos interesses dos colonizadores e dos religiosos. A edição de livros em território nacional ocorreu com a fundação da Imprensa Régia por D. João VI em 1808. Os livros publicados eram aprovados pelo Imperador, de tal forma que nada contrariasse os interesses do Estado, da religião e os costumes defendidos pela Corte. Apenas em 1988, 180 anos após o início da edição de livros no Brasil, com a redemocratização do país e uma nova Constituição Federal, o acesso universal aos livros passou a ser uma bandeira do poder público. Nas décadas seguintes, momentos marcaram o esforço em democratizar o acesso ao livro: em 2004, a lei 10.8655/2004 estabeleceu a isenção de Cofins e PIS/Pasep (os impostos que devem ser unificados em um só e que afetará o mercado editorial caso o texto da Reforma seja aprovado); em 2006 foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), norteado por 4 eixos (Eixo 1 – Democratização do acesso, Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores, Eixo 3 – Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro); em 2010 surgiu a Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares (que determina que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, deverão constituir bibliotecas); em 2018 a Lei 13.696/2018 reconhece a leitura e a escrita como essenciais para assegurar a plena cidadania e uma vida digna, tornando-as um direito dos cidadãos (tal lei também busca políticas públicas para fortalecer as bibliotecas públicas e o acesso aos acervos, além de reconhecer a importância do mercado editorial).

Ainda assim, na Quinta edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) em 2019, foram estimados cerca de 100 milhões de leitores no

Brasil, sendo que a maior quantidade de leitores foi encontrada entre os que possuem Ensino Superior (68% contra 49% dos que possuem Fundamental I), da classe A e B (67 e 63%, respectivamente, contra 38% da classe D/E), e de renda familiar de mais de 10 salários mínimos (70% contra 46% dos que possuem renda de até 1 salário mínimo). A dificuldade de acesso ao livro soma-se (também refletindo) aos desafios na educação básica do Brasil, que está entre os países de menor desempenho em avaliações internacionais: a taxa de evasão escolar é de 25%, quase 70% dos alunos que terminam o nono ano não dominam os rudimentos de português (percentual ainda maior quando falamos de matemática, em que mais de 80% não possui domínio básico do conteúdo da disciplina). A situação se alastra no ensino superior: estima-se que 50% dos alunos são analfabetos funcionais. Segundo dados de 2020 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação, embora tenha ocorrido redução no número de analfabetos de 2018 para 2019, ainda existem 11 milhões de brasileiros analfabetos. Todas as estatísticas são alarmantes, assim como os impactos oriundos do analfabetismo. Segundo a World Literacy Foundation, em 2018, o analfabetismo custou cerca de 800 bilhões de libras à economia global. Socialmente, analfabetos são mais propensos a terem menores oportunidades de trabalhos e menores rendas, tornando-os dependentes de políticas públicas de bem-estar social, com baixa auto-estima e mais propensos ao crime. Eles também possuem maior risco de desenvolverem problemas de saúde, seja pelo estilo de vida menos saudável, pela falta de engajamento em medicina preventiva e por falta de conhecimento e também pela menor aderência aos tratamentos devido à falta de entendimento.

Ao dificultar ou até mesmo banir o acesso aos livros ao torná-los inacessíveis financeiramente, estamos contribuindo para a perpetuação do status quo. A Reforma Tributária é uma ferramenta importante para promover o acesso universal aos livros, embora não da forma como tem sido proposta



recentemente. Enquanto a queima de livros durante o Nazismo foi um símbolo de intolerância e censura, além de genocídio cultural, o aumento da inacessibilidade ao livro no Brasil moderno é um símbolo de elitismo e desrespeito aos direitos humanos. Em ambos os contextos (e em muitos outros em que os livros foram atacados), fica claro o poder imensurável que os livros têm, de tal forma que sua queima, omissão ou inacessibilidade são utilizadas como ferramentas para interesses que a História mostrou nunca valerem a pena. Mas sempre haverá luta. Para os que utilizarem o livro como ferramenta contra a humanidade, que fiquem as palavras de Helen Keller (autora, ativista política, defensora das pessoas com deficiência e oradora surdocega norte-americana) aos nazistas ao ter seus livros queimados por eles como recado: "A história não lhe ensinou nada se você pensa que pode matar ideias. Os tiranos tentaram fazer isso muitas vezes antes, e as ideias surgiram em seu poder e os destruíram. Você pode queimar meus livros e os livros das melhores mentes da Europa, mas as ideias neles vazaram por um milhão de canais e continuarão a estimular outras mentes."

**Pedro Henrique Rodrigues**  
Colunista da Revista O Odisseu

Fontes:

Fascismo Ordinário - Queima de Livros pelos Nazistas  
<https://congressoemfoco.uol.com.br/blogs-e-opiniao/colunistas/a-queima-de-livros-no-seculo-21-os-impostos-de-guedes/>  
Agência Senado  
<https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/10/voce-sabe-qual-foi-o-primeiro-livro-editado-no-brasil>  
<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>  
<https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica/>  
OECD. (2012). Programme For International Student Assessment (PISA). Retrieved from <http://www.oecd.org/education/PISA-2012-results-brazil.pdf>  
Qedu. (2015). Aprendizado dos alunos: Brasil. Retrieved from <http://goo.gl/R6BX3w>  
Neri, M. (2009). Motivos da evasão escolar. Brasília: Fundação Getulio Vargas.  
Globo. (2012, November 26). DFTV 2ª Edição. Brasília, DF: Rede Globo. Retrieved from <http://goo.gl/8n6ACD>  
<https://worldliteracyfoundation.org/early-intervention-reduces-illiteracy/>  
<https://www.themarginalian.org/2014/05/09/helen-keller-nazi-letter-book-burning/>







Negros dançando por Zacharias Wagener.  
<https://www.historiadealagoas.com.br/quilombo-revivendo-a-republica-dos-palmares.html>

# Forme seu quilombo!

**Organize a sua luta.**

**Q**uando pensei em escrever sobre formar um quilombo, eu era totalmente diferente de quem sou agora. Em um mês a minha mudança foi impressionante e foi fruto de acontecimentos adversos que não conseguiria pôr no papel. Tudo o que poderia acontecer, aconteceu. Senti-me como a personagem de Kafka que acordou um dia e se viu um inseto gigante.

Como conciliar o que se foi com o que é? Como se refazer quando se é uma colcha de retalhos?

Inicialmente, a proposta era falar da necessidade de cuidar da saúde mental em tempos eleitorais. O fascismo brasileiro é uma coisa horrorosa e eu ainda não sei lidar com isso. O resultado das eleições comprovou algo que eu já imaginava: não era o fim de uma era, mas apenas o começo.

Ligo a televisão pela manhã e vejo as inúmeras estradas interditadas em protestos golpistas. Os vídeos que chegam até a mim são horrorosos, coisa de filme de terror, de distopia de José Saramago. É uma realidade inteiramente paralela que os bolsonaristas vivem. Eu imagino o quão perturbador deve ser viver em um frenesi caótico que é a mente de quem acha que as ações do STF são censura, mas que o Golpe de 64 era liberdade.

É preciso de muito esforço para ser bolsonarista. Um esforço enorme de ocultar a realidade e forçar a criação de um mundo de acordo com o que se deseja ardentemente. No caso, falo do desejo de dizimar o diferente e diverso.

Portanto, a ideia central era esta: forme o seu quilombo e se refugie da loucura toda. Mas mudei de opinião.

Os quilombos não eram um paraíso, mas só não era por conta dos constantes ataques

sistemáticos dos senhores de escravos. Para entender melhor, sugiro que você busque pelo documentário "As Guerras do Brasil", disponível na Netflix e que tem um episódio sobre os quilombos.

Sintetizando: organizava-se expedições para caçar os negros escravizados que fugiram, porque não se aceitaria jamais que alguém de pele escura desfrutasse da liberdade. Todos os quilombos foram sistematicamente atacados, quando descobertos. Não se economizava esforços para encontrá-los, inclusive.

Digo isso para que você entenda que em lugar algum do Brasil um negro poderia ter paz, nem mesmo nos quilombos. A impressionante resistência dos negros escravizados não foi capaz de resistir a muitas das investidas do homem branco.

Zumbi dos Palmares foi assassinado pela força de uma expedição de homens brancos.

A verdade é que a força do povo negro consiste realmente na resistência. É impressionante que ainda existam alguns movimentos culturais de negros no Brasil. Porque a ordem apoiada pelos aparelhos do Estado é para dizimar tudo aquilo que tem cor preta. Quando eu penso em Mateus Aleluia, eu fico emocionado. Recomendo aqui o álbum "Olorum" que é um resgate desta coisa histórica que é a fé do povo negro.

Choro porque eu percebo quanta força é necessária para fazer essas tradições permanecerem. Repassar esses cuidados, essas crenças, essas culturas.

Desa forma, penso que mais importante do que formar um quilombo, no sentido de fugir da tortura que é a vida no Brasil e se refugiar entre os nossos, é organizar expedições libertadoras, coisa que o povo de quilombo também fez. Mais uma vez, recomendo a série documental para melhor compreensão.

Uma vez libertos, os negros voltavam às senzalas para libertar outros negros e para incendiar a Casa Grande num ato de vingança violenta. Mais do que nunca, é importante resgatar esse valor de não abandonar ninguém. A minha liberdade não será completa enquanto eu não voltar para buscar os meus. Porque a luta não é apenas pela minha saúde mental.

Não acho que em todos os momentos nós devamos montar quilombos e ficar neles, com os nossos amigos e pessoas que amamos. Eu não posso dizer "Favela Venceu" por eu ter ganho dinheiro e ficar rico enquanto os meus ainda estão em situação degradante. A luta é inevitavelmente coletiva.

Por isso: forme o seu quilombo e se cuide entre os seus, mas também organize a sua luta e liberte todos os seus semelhantes.

**Ewerton Ulysses Cardoso**

**Criador e editor da Revista O Odisseu**





## Nós, as loucas

Aline Félix

**H**á autores que nos fazem viajar! Muitas vezes usamos essa frase como metáfora de lugares por onde os autores nos levam em seus livros através de suas histórias, mas no meu caso, em relação ao livro *Holocausto Brasileiro*, foi algo literal.

Daniela Arbex motivou um desvio de duas horas num passeio de férias para que eu pudesse conhecer o Museu da Loucura, que fica em Barbacena, situado no mesmo prédio do antigo Hospital Colônia, cenário do seu livro e de tantas atrocidades. O Colônia foi fundado em 1903 e foi a primeira Instituição Psiquiátrica de Minas Gerais.

"É preciso perceber que nenhuma violação dos direitos humanos mais básicos se sustenta por tanto tempo sem a nossa omissão, menos ainda uma bárbara como essa."

Essa é uma fração do prefácio escrito por Eliane Brum para o livro *Holocausto Brasileiro* e fiquei com um pensamento fixo nessa questão, por isso, quando fui para Barbacena perguntei sobre essa omissão, para o funcionário do museu, um senhor muito simpático e interessado em me responder.

Ele disse o que já estamos acostumados a ouvir em relação às atrocidades: "... precisamos situar esses acontecimentos no tempo em que ocorriam. Havia questões políticas e religiosas que influenciavam muito." **Acho que concordo com isso em algumas situações, mas crimes da**

da forma como ocorreram, serão sempre crimes, independentemente do tempo.

Muitas coisas me impressionaram nessa visita, a primeira é estar no local descrito tão detalhadamente pela autora que muitas vezes senti os cheiros, as dores e o frio, sentia que eu já tinha estado lá, apesar de não encontrar o mesmo cenário, pois hoje há um pequeno espaço reservado ao Museu e o restante continua sendo um hospital.

Ao dizer que é pequeno, não quero reduzir a importância, muito menos a quantidade de história e elementos que o local contém, mas sim que quando lemos sobre os pavilhões que continham tantas almas, imaginamos que o museu nos levará por essa imensidão de salas, mas não é o que ocorre e nem seria preciso, pois há uma sala onde há diversas falas e poemas dos pacientes escritos no chão e nas paredes. Complementando o ambiente havia o som de muitas vozes, fosse em cantorias, gemidos, lamentos ou declamações. Bastava fechar os olhos para estar nos pavilhões.

Outra coisa que me impressionou foi a sala de lobotomia, um cubículo completamente branco, você entra, uma enorme porta se fecha atrás de você (se você tiver coragem de entrar e fechá-la, o que não foi o meu caso). O único som são os batimentos cardíacos que saem por uma caixa de som e, abaixo da fotografia da



da irmã do ex-presidente Kennedy, uma das mais famosas pacientes a passar por esse procedimento no mundo, estão dispostas as ferramentas utilizadas para esse método bárbaro. O barulho do pulsar do coração me fez questionar o que se passava na cabeça das pessoas minutos antes de passarem por algo tão apavorante e irreversível, será que tinham consciência do que aconteceria? E as famílias, sabiam que estavam perdendo qualquer possibilidade de contato afetivo, emocional, de diálogo e troca com aquela pessoa? Foi angustiante.

Mas teve uma imagem, simples, que poderia talvez passar despercebida, que me marcou profundamente, uma caixinha pequena, porém de um significado imenso, nela continha um par de alianças.

No livro, Daniela conta diversas histórias, geralmente cruéis, sobre tortura, fome, morte, descaso. Histórias, por vezes de esperança, sobre sobreviventes que recomeçaram suas vidas, encontraram mãos amorosas que os ajudaram a seguir. E histórias emocionantes. Entre elas, teve uma que voltou imediatamente na memória ao ver as alianças, a história de um filho, que após ler o livro da Arbex e ver as fotos descobriu, após décadas, o paradeiro da mãe.

A autora contou que o neto dessa paciente entrou em contato com ela, pois o pai, um senhor já idoso, não parava de chorar por ter visto nas páginas do Holocausto Brasileiro a figura da mãe entre outras figuras igualmente desamparadas, aturdidas em meio ao abandono.

Daniela levou-os até os arquivos do hospital e juntos descobriram que o esposo havia internado a mulher, a mesma mulher que ele dizia ao filho pequeno e aos familiares tê-los abandonado. Ele a internou com o nome de solteira, para dificultar que a encontrassem.

Provavelmente o filho, ao descobrir o paradeiro da mãe, já era mais velho do que ela jamais fora, tendo sido exposta a tamanhas ausências de humanidade e condições básicas.

Essa prática não era incomum, os maridos, pais e irmãos, podiam tranquilamente internar suas mulheres indesejáveis.

Mas eles tinham que ter motivos, claro. Alguns dos motivos:

- Envergonhavam a família por conta de uma gravidez antes do casamento (o funcionário do museu contou sobre casos assim);

- Exigiam direitos iguais por trabalharem tanto quanto os homens, ou por serem tristes (caso descrito no Holocausto Brasileiro);

- O filho não teria como cuidar dela (caso descrito no livro *Dez Dias Num Hospício da autora Nelle Bly*)

- Crenças diferentes, como conta a história ficcional (mas possivelmente bastante real) em *O Baile das Loucas de Victoria Mas*.

O Hospital Colônia só foi fechado em 1980.



A geração de mulheres com a idade da minha mãe, da mãe das minhas amigas, podia, e por vezes foi internada por esses motivos. Conheço casos de mulheres que foram internadas porque queriam a separação.

O modelo de hospital psiquiátrico passou por mudanças, mas o nosso diagnóstico de loucura não. Ainda somos as descontroladas, afinal quem não lembra da Senadora Simone Tebet sendo chamada de "descontrolada" na CPI da COVID, por um ministro irrelevante que não merece a citação.

Ainda somos as "históricas", conforme foram chamadas as deputadas gaúchas por um parlamentar que gostaria de queimar estudantes em pneus.

E, para o diagnóstico de loucura, basta apenas nos posicionarmos, termos opinião e atitude.

O mito da mulher louca serve a um propósito: calar, subjugar, desqualificar posicionamentos, nos enfraquecer.

Porém esse é outro mito que estamos derrubando, nós, as loucas, estamos transformando esse mundo insano com união, amor e nossas vozes unidas.

Estar no Museu da Loucura foi uma experiência marcante, que só aconteceu porque dei ouvidos a uma dessas vozes, Daniela Arbex, uma das nossas grandes autoras, que em cada livro traz uma denúncia, uma ferida, um motivo para seguirmos nossas lutas por mudança, por uma sociedade mais humana.

E não esqueça: leia mulheres, suas escolhas literárias também são um ato político.



# NÓS, AS LOUCAS



Arte de Cristiane Alvarenga  
(@abstratas\_cristianealvarenga)



# Bullying Escolar:

## Precisamos falar de saúde mental

**A** escola é um espaço importante para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças e adolescentes, no qual constroem novos vínculos, assumem novos papéis sociais e estabelecem novas relações. Esse ambiente, que deveria ser marcado exclusivamente por relações positivas e aprendizagens significativas, é também permeado por violências, dentre elas o bullying.

Tenho conversado muito com educadores e adolescentes sobre violência escolar e, mais especificamente, bullying. Nesses momentos, algo que sempre reforço é que ninguém deve passar por qualquer situação de violência para aprender a ser mais forte. E essa é uma crença muito enraizada em nossa sociedade. Quem nunca ouviu de alguém frases do tipo: “Se apanhar na escola, vai apanhar em casa” ou “Eu passei por isso e não morri”? Esse discurso, muitas vezes, presente no senso comum, é uma falácia que deve ser combatida.

Antes de iniciar nossas reflexões, acho muito pertinente entendermos o que é bullying. Curiosamente, o tema adquiriu força na Inglaterra após a publicação de um livro de ficção, intitulado *Thomas Brown's School Day*, em 1857, no qual o escritor, Thomas Hughes, conta a história de um menino que sofre bullying. No âmbito científico, foi Dan Olweus, pesquisador norueguês, quem definiu o fenômeno como uma forma de violência repetida e intencional, com desequilíbrio de poder entre o autor (aquele que pratica) e o alvo (aquele que sofre). As agressões são classificadas como violência física, psicológica, moral e sexual. Quando as agressões acontecem no mundo virtual, temos configurado o cyberbullying. Nessa dinâmica, estão presentes o alvo, o autor e o observador. Tenho lido muito sobre tudo que envolve bullying, como formas de abordagem com estudantes, intervenções, além das diferentes consequências. Neste ponto, antes de falarmos dos problemas, é pertinente entendermos o que é saúde mental. Segundo a OMS, é “um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade”. Estudos realizados no mundo todo associam experiências em bullying com problemas de saúde mental e sintomas, como tristeza, solidão, insônia, sintomas psicossomáticos, bruxismo, ansiedade, depressão, isolamento social, medo de ir à escola, ideações e tentativas suicidas, dentre tantas outros documentados na literatura científica. Dependendo da intensidade e duração das experiências, os



Kat J. <https://unsplash.com/photos/NPmR0RblyhQ>

duração das experiências, os prejuízos podem se prolongar para a vida adulta, influenciando outros contextos de desenvolvimento, como nas relações amorosas, no trabalho, com amigos e família.

Costumo também dizer que essas formas de violência não envolvem apenas o alvo e o autor. Envolvem a equipe diretiva da escola, que deve (e aqui entra um dever legal) atuar na resolução da situação; a família, que, muitas vezes, sem nenhum suporte ou conhecimento, não entende o que está acontecendo com aquela criança ou adolescente que muda seu comportamento; o/a professor/a, que vê seu estudante ter problemas de aprendizagem ou queda no rendimento escolar, por exemplo; o sistema de saúde, que acolhe os envolvidos quando surge a necessidade de acompanhamento psicológico. Temos uma rede envolvida direta ou indiretamente, o que nos mostra a dimensão do problema.

Apesar de a literatura científica ser enfática em relação aos problemas causados por bullying e cyberbullying, ainda hoje leio e escuto de muitas pessoas que é bobagem, frescura de psicólogo ou que essas experiências apenas ensinam as pessoas a se tornarem mais fortes. Meu desafio tem sido justamente esclarecer esses equívocos. Precisamos falar sobre as relações entre bullying/cyberbullying e saúde mental, reconhecer que essas experiências são altamente prejudiciais para os estudantes no presente, mas também como adultos, no futuro. Por isso, é tão importante investirmos na prevenção.

As estratégias preventivas são, claramente, a opção mais adequada. Dan Olweus, o mesmo que delineou o conceito de bullying, foi também o responsável por criar o primeiro programa antibullying que se tem



conhecimento. O pedido especial, recebido do então Ministro da Educação da Noruega, teve um motivo: o suicídio de dois adolescentes, possivelmente motivados por situações de bullying que sofriam na escola. Os esforços de todo um país foram muito positivos, e o programa mostrou-se muito eficaz naquele contexto. O Olweus Bullying Prevention Program, como é chamado, está em vigor até hoje. O mais interessante é que todos devem estar envolvidos na política de prevenção: escolas, famílias e comunidade.

No Brasil, temos a Lei N. 13.185/15, que determina que escolas desenvolvam intervenções para a prevenção do bullying. Embora já se possa observar algumas propostas isoladas de intervenções antibullying no nosso país, ainda não há políticas públicas específicas para a implementação dessa lei e não há uma proposta de prevenção vinculada aos currículos escolares. No âmbito da minha pesquisa de doutorado, desenvolvemos uma intervenção antibullying, e posso garantir que os resultados são muito positivos. Estamos ainda distantes de cumprirmos efetivamente essa lei. Acredito que o primeiro passo é justamente conscientizar a sociedade de que bullying e cyberbullying são problemas sérios, que devem ser combatidos com medidas adequadas. Acolher todos os envolvidos nessa dinâmica, proporcionar formações adequadas a equipes diretivas e professores, além de oferecer orientações adequadas às famílias e estudantes são, de fato, a melhor estratégia para consolidarmos a escola como um espaço protetivo e promotor de bem-estar.

## Grazielli Fernandes

**Doutora em Educação e pesquisadora do tema bullying.**

### Referências

Lei N. 13.185, de 06 de novembro de 2015. (2015). Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm)

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford USA: Blackwell Publishing.

Organização Mundial da Saúde. *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946*. 2017

Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswwho.html>.



# Desnecessariamente violento?

**E**ste ano como de hábito para o mês de outubro, selecionei algumas histórias de horror/terror para me acompanharem, o fato, no entanto, é, que esse mês talvez seja o qual eu menos me encontro assombrada pelas páginas que devoro. Até tenho medo de histórias de fantasmas, não tenho medo de histórias de monstros da noite, vampiros e essa coisa toda, tenho medo dos monstros que posso compartilhar a sala de aula, o local de trabalho, o ônibus, talvez minha própria casa, os monstros que cruzo enquanto meus passos sempre acelerados cortam o vento.

Sempre gostei de ler os comentários e as resenhas que constam nos sites de compra ou no Skoob dos livros que já consumi ou pretendo adquirir e recentemente me deparei, já aconteceu outros casos similares, com a curiosa e seguinte sentença: "Desnecessariamente violento.". O comentário era sobre "Temporada de Furacões" da mexicana Fernanda Melchor que utiliza a premissa de investigar os fatores que culminaram no assassinato de uma mulher para mergulhar na situação de abandono, desassistência que aquela pequena e pobre comunidade de muito preconceito está afundada. De fato, é um local de muita violência. Esses locais não existem?

"Alguns dos acontecimentos aqui narrados são reais. Todas as personagens são imaginárias.". O trecho foi extraído de "Las Muertas" de Jorge Ibarguengoitia e foi eleito sabiamente pela Fernanda para epígrafe desse romance, e digo sabiamente pois o que é tratado como um exagero muitas vezes pela comunidade leitora, não é raro em manchetes, não é preciso procurar muito. Entretanto, o que as notícias tem a nos oferecer na grande maioria das vezes é a parte que interessa ao público geral, então a vida das vítimas de violência é reduzida há alguns minutos de leitura ou de vídeo sobre o evento que a trouxe até ali, um evento provocado por alguém que muitas vezes tem partes da sua vida mais analisadas do que quem foi vitimado, o violador é exposto com mais humanidade que a vítima.

Não estou propondo e isso é óbvio que se atormente pessoas violentadas ou suas pessoas queridas enlutadas. Acho que a literatura quando trata de violência, permite que as vítimas tenham uma história, um antes e um depois, então ficamos mais conscientes do que aquela violência representa, de como ela altera uma vida ou que tipo de vida ela encerra, a



Axel Eres. <https://unsplash.com/photos/-InO9RdrsA0>

literatura especula sobre o que perdemos e não aparece nos jornais, portanto é um alerta mais potente da urgência da nossa vigilância, nossa cobrança por ações que reduzam a probabilidade dessas coisas desnecessariamente violentas acontecerem. Acho que muitas pessoas esperam que por mais dolorida que seja uma história de alguém, ela cicatrize um pouco, talvez até que se cure, às vezes espera até ler que ela fique mais forte depois de tudo, e quando isso não acontece elas se frustram, é compressível, preferimos mensagens esperançosas, mas eu gosto da sinceridade de algumas autoras e autores ao nos dizer que às vezes não cicatriza nenhum pouco, outras só um pouco, mas essa não é uma mensagem pessimista, por isso, o "às vezes".

**Lili Baillargé**

**Colunista da Revista O Odisseu e  
administradora do  
@thedarksideofrainbow**



**"Eu já estou com o pé nessa estrada  
Qualquer dia a gente se vê  
Sei que nada será como antes  
amanhã  
Que notícias me dão dos amigos?  
Que notícias me dão de você?  
Alvorço em meu coração  
Amanhã ou depois de amanhã  
Resistindo na boca da noite um gosto  
de sol  
Num domingo qualquer, qualquer  
hora  
Ventania em qualquer direção  
Sei que nada será como antes,  
amanhã  
Que notícias me dão dos amigos?  
Que notícias me dão de você?  
Sei que nada será como está, amanhã  
ou depois de amanhã  
Resistindo na boca da noite um gosto  
de sol..."**

*Nada será como antes. Canção de Milton  
Nascimento e Beto Guedes.*





Divulgação.

[https://29horas.com.br/wp-content/uploads/2022/07/165289525262852e14a54e3\\_1652895252\\_3x2\\_rt-1024x683.png](https://29horas.com.br/wp-content/uploads/2022/07/165289525262852e14a54e3_1652895252_3x2_rt-1024x683.png)

# Recorre o drão ou recorre o monda

**Hyann Pedro Rodrigues**

**E**u me lembro quando vi pela primeira vez as luzes de São Paulo. Foi do alto, de um avião na reta final no pouso. Eu também me lembro de que, quando era criança, uma vez ouvi que os aviões eram, na verdade, carros das pessoas que moravam em São Paulo. A cidade ficava lá encima, do outro lado do céu. Numa cidade marcada pela diáspora, o céu era o lugar onde viviam aqueles de quem eu e meus amigos sentimos falta. Minha irmã, as mães e pais dos meus colegas. E eu costumava me questionar se seriam as estrelas as janelas das casas de São Paulo.

Anos depois, enquanto o avião pousava na grande cidade, cada luz, de cada casa era como se fosse uma pessoa, uma vida que passa diante dos olhos. Cada luz se apresentava com uma imensa alegria, via montanhas iluminadas como mel que a derreter de uma colmeia. E eu, menino da Prata, que tinha medo do segundo andar da prefeitura, por ser alto demais, não tinha mais medo da altura, nem do mundo.

Para chegar em minas foram necessários 3 voos, 24 horas de espera, um pouso cancelado em BH e muita alegria contida. Mas valeu a pena, e muito.

Pois, eu me lembro do sol se pondo sobre as estruturas de aço e concreto do estádio, como a chegada da aurora às esquadras de Agamenon, ou como o véu de Nix vindo cobrir a

a costa troica. Eu lembro do cheiro de domingo, de roupa lavada, de missa, ou de chuva no dia de São Pedro, cheiro de sonho de menino.

Também lembro da agitação quase aflita. Do arrepio ao ouvir a voz-vento de Gal Costa através da boca da pitonisa (ou seria do Bacante?). De me arrepiar ao ouvir o bem do mar na cidade na qual as ondas são como montanhas, do mundo parar para ouvir ele cantar.

De me sentir na passagem de um rito muito antigo, milenar, anterior a tudo aquilo. Lembro ter visto aquele a quem tanto esperávamos e que aos poucos já vamos sentindo saudade. De ter a sensação de o acompanhar de mãos dadas, de vê-lo rei-menino, been a poet, a pawn and a king. De coisas indizíveis e por isso mesmo tácitas. Eu lembro de sentir o chão tremer em Maria, Maria. Sentir tudo.

Lembro das várias pontas de uma estrela, da estrela que nasce em Elza Soares, das estrelas atravessarem a moldura do estádio. Das estrelas de Bishop no cabelo de Lota. Da sua tradução de viagem na família, do seu encanto por minas, da fazenda de Mariana, das samambaias, do seu livro guardado na mala e que o tempo não é nada, se não dócil. (Até que tenhamos o nosso encontro marcado Around the moon...)



Dessa miscelânea de memórias juntas no pulsar daquele evento. Da mistura dos tempos, nada amenable, mas talvez bastante Einstaniano. Lembro de ter a sensação única de estar vivendo algo realmente importante. Essa sensação que tem nela um pouco de passado e um pouco de futuro já se prefigurando, na boca da noite, o gosto de sol. A sensação de que quando o show acabou, nada acabou. De que forma? Eu não sei dizer.

Pois talvez seja essa “a coisa”. Seja essa a grande passagem, o rito, o grande perpetrar do ritual, as coisas pequenas e grandes vão sem sessar de ser se reformulado. Na repetição da corrida do carro do sol, amanhã e depois de amanhã, num dia após o outro. Nos ciclos da chuva, no drão.

Afinal, de que se forma a sensibilidade e experiência humana? Quais canções vão sendo selecionadas a dedo, para compor a história? É meu pai cantando Me dê motivos, talvez mesmo que sem perceber, para mim com as malas feitas para a mudança, no alto dos meus 15 anos. A minha avó, com as raras vezes que cantava as músicas que aprendeu com a vida, é a sua voz ecoando baixinho junto aos tanques de pedra que dividiram o quintal. As músicas que aprendi ouvindo minha mãe cantar, as músicas que cantávamos juntos, (principalmente Rita Lee), as que eu cantava para ela, as que ela ainda canta para mim. Lembro da voz da minha mãe no rádio quando era muito pequeno, lembro de procurar por ela, de olhar atrás da estante.

É nessa liturgia em que vão se ajuntando o tudo. E de boca em boca se preservaram as canções Ladinas de Sefardi. Os aedos de Homero. Pelo ouvido vão se fazendo os Griots. É de um em um que se vão os romances de cordel. As tradições dos Anussim. O semba e o semblante do mundo. É nesse refrão que corre (e corro) o Monda de Adriana Calcanhoto, a história de Inês de Castro, as canções que você fez para mim, o tropicalismo, as madrinhas de fogueira, a odisseia e o cultivo do trigo no Nilo. E nesse caminho, repetir de tempos em tempos aquela noite (como agora) em cada vez que acompanhar impacientemente o descer do sol no horizonte, as luzes dançantes, a palpitação da espera, o fim de algo. Vou me lembrando, como eu me lembro de ao olhar para trás no estádio, e saber que daquela vez cada luz era uma pessoa, que sorria de saudade-alegria.

Nesse ritual eterno que passaremos para os nossos filhos, talvez como um segredo, Ou como uma forma de arte constituinte do que fomos e do somos (o nosso saber). Ritual que seguirei ao colocar para tocar Minha voz e minha vida toda vez que sentir saudade de ter 15 anos ou de 25. Ou quando quiser me lembrar daquela esperança contagiante de novembro de 2022. E dela brotará toda uma nova liturgia. Viva Gal, Viva Milton Nascimento, viva aqueles que amamos em forma de saudade e os múltiplos sentidos de cultivar algo.

**FICHA:**

**Direção de Conteúdo:** Aline Félix e Ewerton Ulysses Cardoso;

**Diagramação:** Ewerton Ulysses Cardoso;

**Arte da Capa:** Maicon Aquino.